



**DIREÇÃO ARTÍSTICA E SONOPLASTIA**

Rodrigo Malvar

**DRAMATURGIA E INTERPRETAÇÃO**

Catarina Lacerda

**APOIO À DRAMATURGIA**

Lígia Soares

**CENOGRAFIA**

Fernando Almeida e Quico

**DESENHO DE LUZ**

Mariana Figueroa

**REGISTO VÍDEO E FOTOGRÁFICO**

Miguel F

**DIREÇÃO DE PRODUÇÃO**

Paula Silva

**PRODUÇÃO EXECUTIVA**

Marta Lima

**COMUNICAÇÃO**

Patrícia Barbosa

**DESIGN GRÁFICO**

Sérgio Couto

# NU#03

*Doors will be opening to you in many areas of your life.*

Bolinho da sorte

NU#03 é uma performance a solo que busca o encontro com o espectador assumindo o perímetro cênico como útero para um movimento seminal – devolver, a partir de um jogo lúdico performativo sobre e com a linguagem, a curiosidade sobre seres, lugares e presenças.

A dramaturgia, original, propõe uma estrutura textual lacunar que busca a participação do espectador, outrora ouvinte, agora também corpo performativo, abrindo vínculos e pontos de vista sobre o lugar que ocupamos na relação com o outro (ser, paisagem, cosmos).

Composta exclusivamente por madeiras com crescimento sustentável, minimizando a pegada ecológica do processo de trabalho, a estrutura cenográfica, modular e lacunar, disposta a 360°, acolhe atriz e espectadores instalando simultaneamente espaço cênico e plateia, podendo ser implementada em espaços não convencionais ou em caixa de palco.

NU#03 integra e conclui a trilogia de criação NU, projeto de investigação desenvolvido pelo Teatro do Frio entre 2020 e 2022, que aprofunda relações entre paisagem, corpo, acústica, território, grafia e performatividade, do qual resultaram diversas manifestações artísticas (instalação, performance, publicação) ao longo do triênio.

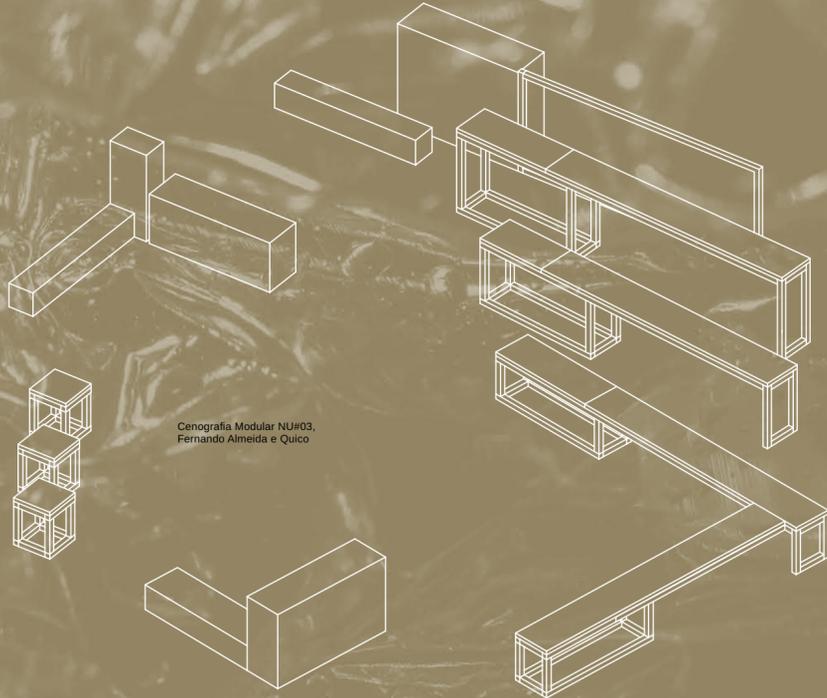
*De que valeria a obstinação do saber se ela [a curiosidade] assegurasse apenas a aquisição de conhecimentos e não, de certo modo, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece.*

Michel Foucault, *História da Sexualidade*



*Cuidar significa estar sujeito à inquietante obrigação da curiosidade, que exige saber mais no final do dia do que no início.*

Donna Haraway, *When Species Meet* (tradução livre a partir da versão inglesa)



Cenografia Modular NU#03,  
Fernando Almeida e Quico

## TRILOGIA NU

**NU#01 [TDFRIO\_TOP#04]**

A versão #01 de NU, instalação/performance apresentada no âmbito da programação de "Dar a Ouvir. Paisagens Sonoras da Cidade", aprofunda relações acústicas entre a arquitetura do espaço de apresentação e as potencialidades do dispositivo cênico, construído a partir de chapas de offset. Indaga sobre relações entre impressão e expressão, paisagem e corpo, floresta e cosmos, natura e cultura, encontrando ecos das várias vozes que nos animam, registadas em formato áudio, vídeo e texto na edição que agora lançamos. Uma proposta do jazz ao Centro Clube em coorganização com a Câmara Municipal de Coimbra/Convento São Francisco.

Inauguração: 11 julho 2020, 16h

Exposição: 11 julho a 6 setembro 2020

Performance: 5 setembro 2020, 15h30, 16h30, 18h



[app.box.com/shared/static/43a1b9817700f70k185j6f8v1519xy.pdf](https://app.box.com/shared/static/43a1b9817700f70k185j6f8v1519xy.pdf)

**NU#02 [TDFRIO\_TOP#05]**

Residência aberta de criação, assume o território da palavra e da escrita como espaço de investigação que estabelece pontes entre teatro, linguística e design gráfico. Procura relações entre respiração, som, palavra e emoção. Dela participaram os criadores Rodrigo Malvar, Catarina Lacerda, Gil Mac e Keli Freitas. Esta residência aberta permeabilizou o processo de trabalho à participação da comunidade FITEI.

Inauguração: 10 a 14 maio 2021, integrando a programação da 44.ª edição do FITEI – Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica, MIRA | artes performativas.



[app.box.com/shared/static/7rgtu6a1b9shu8a43au89i3gvdp6e.pdf](https://app.box.com/shared/static/7rgtu6a1b9shu8a43au89i3gvdp6e.pdf)

**NU#03**

Inauguração: 14 e 15 maio 2022, integrando a programação da 45.ª edição do FITEI – Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica, Grande Auditório do Teatro Municipal do Porto, Campo Alegre.



© Miguel F



ver vídeo:



[vimeo.com/745508866](https://vimeo.com/745508866)

ouvir áudio:



[on.soundcloud.com/8Bawe](https://on.soundcloud.com/8Bawe)

<b>Ela de costas, olhando o horizonte.</b>	
Ela, aqui, sou eu. E eu, aqui, sou ela.	
Fincada de pé como uma bandeira desfraldada pelo vento.	
E vocês aí são Eles. Eles, os que tudo podem; Eles, os que permanecem na sombra; Eles “querem lá saber do Zé”, “Por causa deles é que isto anda assim” Eles “não sabem não-sonham não-querem saber”.	
Eles, figura arquetípica.	
Eles, Vocês, E eu.	
Parente afastada Fêmea Filha Amante da amiga do “fulano de tal” que disse que, no entanto, sem contradizer, sabe, ou intui, que eu	
Ela, Aqui, Pequena partícula de pó,	
de pé, exilada, humana, em vias de	
Facto Extinção	

Eu, Pensando como quem escreve, Escrevendo como quem fala, Falando como que cavalga,	
Eu, Cavalgando pelas fissuras desta história, Aqui, Ela, A galope, Língua afora desenfreada Eu, Não fora a distância, Não fora o azul, Não fora o golpe de asa, Não fora o medo do abismo, Eu que tudo posso e “tenho em mim todos os sonhos do mundo”	

Eu, aqui, Ela, pangeia vertical abeirando-se da 6.ª extinção,	
Eu aqui, Ela, suspensa na soleira do mundo, encho o peito de um tudo-nada, confio-vos as minhas costas.	
Sei do punhal que vocês, Eles, aqueles com quem partilho chão, teto, terra, guardam entre os dentes.	
<b>Ela volta-se lentamente e de perfil aproxima-se do limiar da arena cênica. Aponta o chão identificando aquele que será o seu ponto de vista inicial. Faz sobre ele um movimento de rotação e desce ao nível intermédio fitando frontalmente, olhos nos olhos, os elementos do público sentados no perímetro cénico.</b>	

Chamo-me Franca. Sou latina, nórdica, sul-americana, um toque de asiática e muito provavelmente sueva.	
Franca com k na grafia germânica, derivando do latim. Francamente Franca para os amigos. “Franca, francamente!” no tom passivo-agressivo da professora de <i>ballet</i> . Rosita para a avó, que vê em mim o perfume do roseiral	
Chamo-me Franka, Fran, Rosita E também Nux, Nix, Eritreia, Sibila, Sophia, Eva, Gaia, em mim cruzam-se todas as matérias do mundo	

E em mim, Pulsam também, Vocês, Eles, Tu Tu Ainda que por ora vos desconheça	
<b>Ela perfura a área de jogo, seguindo uma linha invisível que a conduz ao epicentro da arena cênica. É lá que desenha um lento movimento de rotação.</b>	
Vocês, Tu, Eles, aqueles com quem partilho chão, teto, Terra.	
“Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Neptuno, Tu, Ele, Nós , Vós, Eles, Ursa Menor, Ursa Maior, Cassiopeia, Cruzeiro do Sul, Estrela Polar, Via Láctea, Buraco Negro Passado, Futuro, Hoje” <sup>1</sup>	

Hoje é um dia particularmente feliz, Entre o vosso pronome pessoal colectivo, Eles, Está um Ele Pronome pessoal singular, Um Ele, particularmente singular Um Ele que de tão, tão, tão, tão singular, de tão, tão, tão particular se torna possessivo. Ele, O Meu Eu Meu Eu O meu Pai	
Um singular com uma força extraordinária, que unicamente por estar no meio do vosso pronome pessoal colectivo, Eles, digamos que um colectivo genericamente banal e de algum modo até descaracterizado, tem a força de fazer de vocês, Eles, um pronome pessoal colectivo singular, único, particular, diria mesmo especial! Vocês, um colectivo singular, é astronómico, absolutamente extraordinário!	
Não quero com isto dizer que Ele, o meu Pai, tenha sido um pai particularmente extraordinário, como que o melhor dos pais de 2022, ou ainda mais o melhor dos pais sobre a superfície da terra, é um ponto de vista que francamente, embora empatize, nunca me interessou.	
O que é facto é que Ele, um dentre vós, com o seu interesse, a sua dedicação, a sua entrega, o seu cuidar, a sua garra, me incendiou e me ensinou a amar os astros: como quem ama um filho que desconhece, um amante que há-de vir, ou um cadérno em branco.	

**Ela inicia novo movimento de rotação que há-de terminar no chão.**

Como se Ele, o céu, fosse uma imensa, vasta planície de camadas, profundidades, possibilidades e relações e corpos. Como se o vazio afnal fosse um tudo cheio de presenças às quais permanecemos estranhamente ligados por fios invisíveis que não precisam do nosso reconhecimento para existir.	
<b>Ela, deitada, desenha um fio invisível que a liga ao cosmos.</b>	
Como se Eles, os fios, e Elas, as presenças, tecessem malhas de uma engrenagem maior e mais extensa, simultaneamente simples e sensível para além de nós, apesar de nós e conosco; Como se Eles, os astros, corpos celestes vibrantes fossem simultaneamente farol, mapa, testemunha, vidente, vislumbre-mais-do-que-real; E nós a cintilar neles e eles a cintilar em nós; Com se em cada sopro um novo Big Bang se desse, não completamente Big nem necessariamente Bang mas igualmente vital – um pequeno puuff!	

E, nós, partícula de um tudo-nada, a rodar sobre o eixo da Terra, sentindo-nos parte de um todo muito mais amplo, um corpo-mais-do-que-colectivo-colectivamente-difforme-e-assombroso-e-estranhamente-síncrono-singular-e-coletivo-. Vento

<b>Ela, trauteando.</b>	
“Oh! Ursa que entras no jogo Dá meia-volta _____, Põe a mão no chão, põe a mão no coração _____, Dança _____, dança _____, Ursa, ursa, sai do jogo” <sup>2</sup>	

**Ela, cantando, levanta-se lentamente e a partir da mão no chão encontra uma outra linha invisível que a conduz ao módulo. Senta-se, assumindo um novo ponto de vista. Olha para o degrau da sorte e fala com o interlocutor que sobre ele estiver sentado.**

Olá! Não te importas de trocar comigo? Estás sentado no degrau da sorte e há aí uma coisa de que eu preciso.	
--	--

**Ela e Elx trocam de lugares, cruzando espaços e pontos de vista. Ao chegar, levanta o degrau da sorte desvelando vários bolinhos. Haverá um jogo entre enunciação de frases em inglês<sup>3</sup> e respetiva tradução “anímica” para português.**

“You are not losing your balance.” Estás firme e hirta, mantém-te estável e confia. Não te deixes levar nem confundir por nenhum vendaval. Respira, flexível mas centrada, enraizada, consciente de ti e do mundo e a acreditar no cerne da vida e da questão.	
--	--

“Be patient.” Sê paciente. A paciência é o caminho da resiliência. A paciência é fundamental à vida. É o caminho da aceitação, de eu aqui a ser, firme e hirta e tu aí, a seres a partir do teu cerne e nós aqui em escuta, não necessariamente com o mesmo ponto de vista mas a aceitarmos os diferentes lugares que a vida nos reservou. A paciência digamos que é a ciência da aceitação, eh, pá, mas nem sempre é fácil, pufff, às vezes é... pufff. OK, sê paciente, OK...	
---	--

“With your courage and your energy you can carry others away.” Com a tua coragem, energia e dedicação, tu és capaz de mover montanhas. Não há obstáculos intransponíveis porque com a tua garra tu hás-de encontrar sempre a via em sítios onde nada parecia haver. Como que se onde antes um beco sem saída, mas com a tua determinação e querer, com o teu desejo e cuidar, de repente uma via aberta, e tu por ali fora a ser. Determinado e feliz. Segue que vai que vai.	
---	--

“Seen with the eyes of love everything gets a new meaning.” É isto. Apaixona-te. Apaixona-te que isto com amor é tudo mais fácil. Mas não é apaixona-te tipo novela, o que também é bom, mas aqui é apaixona-te pelo mundo, pelas coisas. Não percas a capacidade de ver pela primeira vez mesmo na quinquagésima vez. És tu e o mundo em interação pura e permanente sempre pela primeira vez, é super-entusiasmante, é inacreditável, é do cacete.	
--	--

“Doors will open to you in many areas of your life.” É um permanente descobrir de possibilidades onde não sabemos que elas existiam. Pode não ser hoje, pode não ser amanhã , mas não tarda nada, onde menos esperavas, uma janela, uma porta, uma via aberta, nas mais diversas áreas da tua vida.	
---	--

“Stay willing. Keep healing.” É o desejo como o motor do mundo. A imaginação como motor do desejo fazendo-te querer e crer no-que-desconhees mas que intui que poderá eventualmente vir a estar lá, a ser. É o permanente desequilíbrio. Impermanente equilíbrio. É isto, este movimento e isto é a purga e a purga é um dos caminhos da cura. É a capacidade de limpar e regenerar.	
--	--

“A vida é um acontecimento”. A vida é circunstancial, a vida é transformação, a vida não um recurso, a vida não está em <i>stock</i> numa prateleira, vida não é <i>pret-à-porter</i> . A vida não está à espera, capaz que a escolhas, a vida segue aos tropeções, em transformação e nós com ela.	
---	--

“A criatividade não depende do dispositivo, a tua mente é inesgotável.” “De quem é o Carvalhal? É nosso.” <sup>4</sup>	
--	--

**Ela respira profundamente, com satisfação.**

Às vezes não é fácil, não sai logo à primeira. Às vezes acontece teres que comer uns quatro ou sete até encontrar a frase / a frase que necessitas, a frase que parece que estava ali à espera de ser escrita hoje, aqui para ti	
A fazer-te sentir síncrono com o mundo Isto até para os jogos de azar é preciso sorte. Mas a bolacha não é má, é levezinha, e comprando em saco de 50 a unidade fica bastante em conta. E cá vamos nós. “Let the games begin” Que a sorte esteja conosco, ela está no meio de nós. Inshallah.	

**Ela faz o ritual da sorte e retira apenas um saquinho, apresentando com alegria e alguma solenidade à arena “o escolhido”. Toma o epicentro da arena, levanta o braço com punho cerrado e o saquinho no seu interior.**

Pequeno Puuff.	
<b>Ela aperta o saquinho fazendo-o rebentar com um pequeno puuff. Retira a frase e improvisa tradução “anímica”.</b>	
Esta é boa. Agora é só comer a bolacha para não haver desperdício alimentar. Como somos muitos é mais fácil, um instante. Como em tudo na vida.	

**Ela partilha partes do bolinho da sorte pela plateia. Durante este processo inicia conversa com algumas das pessoas.**

“Tens sorte ou azar no jogo? E no amor?”	
Achas que duas pessoas que partilham da mesma sorte podem ser companheiras? Achas que duas pessoas que não partilham da mesma sorte podem ser companheiras no azar? Achas que eles partilham do mesmo azar? Achas que eles partilham da mesma sorte? Achas que eles partilham seja lá o que fôr? Achas que nós, agora, aqui, partilhamos ponto de vista? Achas que é apenas circunstancial? Achas que é uma sorte encontrar alguém com quem partilhas ponto de vista? Diz-se ponto de vista ou ponto de vida? Achas que é importante eles terem um ponto de vista completamente diferente do nosso para que nós tenhamos perspetiva? Achas importante manter a perspetiva para reconsiderar outros possíveis pontos de vista? Esta conversa é sobre geometria descritiva? Já atiraste a primeira pedra?	

**Ela avança, cruzando arena, como que desfiando e seguindo uma linha invisível que a levará a um próximo encontro.**

<b>(repetindo para si)</b> Já atiraste a primeira pedra? Já atiraste a segunda pedra?	
---	--

**(endereçando a pergunta a uma pessoa)** Já atiraste a segunda pedra?

<b>Ela oferece o saquinho, já só com migalhas.</b>	
Às vezes tens aquela sensação que na vida em geral só te calham migalhas em particular? Ou vice-versa, que na vida em particular só te calham migalhas em geral? Estás confortável? Preferes mudar de assunto? Achas que foi o destino que nos juntou? Ou foi escolha livre, de pessoa livre, sentares-te nesse lugar? Vocês conhecem-se? Achas que foi o universo que nos separou? Achas que esta linha quase invisível que me trouxe até ti foi um sinal do universo?	

**Levantando-se.**

É bastante artificial esta história das linhas invisíveis, não é? E ainda assim parece que não conseguimos passar disto, não é? Mantém a linha, Não percas o eixo, E sobretudo não pises o risco nem passes das marcas – entretém-te filho!

**Jogando com a transposição de uma linha invisível e trocando pontos de vista.**

Agora estou do teu lado, agora não estou. Agora unha e carne, agora porque é que estás a olhar assim! Agora percebo perfeitamente o que dizes, entendo perfeitamente o ponto de vista, agora como assim... Agora tu que eras tu, és ele. E ele, o do outro lado da linha. Eles, os do outro lado do muro. E eles, os muros, por toda a parte, nos sítios mais inusitados. A cortarem-te a perspetiva, a reduzirem-te os pontos de vista. E tu, tentas levar a coisa com leveza mas... Francamente, Franca... E gasta-se imensa energia em equivas e esquemas e sublimações e dispositivos que nos afastam da capacidade de estarmos eu e tu aqui simples, direto, francos, a ser e a entender o mundo como uma coisa orgânica. E cada vez o corpo mais longe do nosso corpo que parece querer fugir da inevitabilidade da simples equação Humano-Húmns.

<b>Dirigindo-se individualmente aos espectadores</b>	
Com quantos anos aprendeste a falar? Com quantos anos aprendeste a calar? Sentes a faca entre os dentes?	

Sentes o freio nos lábios? Sentes o cavalgar do sangue? Sentes o frio no estômago? Sentes o nó na garganta?	
---	--

<b>Ela, iniciando uma espécie de “ditado oral” aos espectadores</b>	
Diz Rsgareei a minha camisa para estancar o teu sangue	
Diz O meu sangue o teu cavalo O teu cavalo o meu reino O meu reino a tua pátria A tua pátria o meu peito	
Diz Quero dançar!	

**Ela, assumindo a repetição como a expressão de uma vontade de um dos espetadores e não a repetição de um “ditado oral”.**

Queres? Eu também. Que sorte estares aqui!	
--	--

**Ela convida o espectador a dançar e enquanto dançam conversam.**

Diz Rsgareei a minha pele para te encontrar em mim	
Diz a minha boca está a saque a minha boca está a saque Digo a minha boca está a saque	
De quem é esta voz que me cavalga?	
De quem é esta voz que nos cavalga?	

Outrora, tu e eu Éramos desconhecidos Outrora a minha voz não era a tua Outrora Eu, Tu, Outrora tu eras elx, sentadlx ali, aqui.	
--	--

**Ela convida o par a sentar-se no lugar inicial e depois senta-se no seu colo, dando-lhe as costas.**

Outrora eu era ela, ali, fincada de pé. Outrora eu e tu éramos desconhecidxs. Não mais. Outrora..	
---	--

Achas que se eu disser outrora te estou a pôr p’ra trás das costas? Achas que se lhe dou as costas é porque confio nela? Outrora eu e tu desolzávamos e o chão era mais leve. Outrora construímos um refúgio onde não havia nada. Achas que este foi um momento especial? Achas que foi um momento singular? Ou coletivo?	
---	--

Doravante, o horizonte.	
-------------------------	--

**Ela atravessa a arena e vai ocupar o lugar inicial, trauteando a Ursa. Ela de costas, olhando o horizonte.**

Desde sempre Ana escreve cadeias de palavras, Umás atrás das outras Freneticamente engrenadas Numa comunhão fundamental e fecunda Como fileiras de formigas rumo ao refúgio de inverno Exercício de sobrevivência E cada palavra, como cada formiga, carregando cem vezes mais a matéria do seu corpo	
---	--

Ana sentia-as, urgentes, a palpítarem-lhe o interior do crânio, a escorrerem-lhe em saliva até aos lábios, a rabiarem-lhe pelos nervos das mãos, E em êxtase libertava-as primeiro nos ouvidos dos primos, Ana não tem irmãos, logo nos ouvidos dos amigos, depois na areia, na terra e finalmente na folha de papel. Parentes alheios. Foi assim durante décadas. Quando, longe, a mão lhe falhou num movimento trémulo contínuo que mais se assemelhava ao bater de asas de uma borboleta, Ana não se deteve Suspensa na soleira da porta, fincada de pé como uma bandeira desfraldada pelo vento, Ana passou a inscrever, dia após dia, palavras no vento E ele, o vento, esculpido e indomável, tratava de as voltear, transformando-lhes o sentido, e devolvendo-as, em galope, aos ouvidos de Ana, que se sente incrédula como se de uma voz outra se tratasse E esta voz outra-sua fala-lhe numa língua límpida e insondável	
---	--

“A ideia de natureza barata é um engodo e está no fim. Drenada, queimada, esgotada, envenenada e, de várias outras formas, exaurida, a Terra, baldio que nos é comum, não mais sustentará a extração e a produção no e do mundo contemporâneo. Neste momento, a terra está cheia de refugiados, humanos e não-humanos, e sem refúgios. Há que reconhecer nos eles o ele e no ele o ela, o tu e o eu. E no eu o tu, e no tu o ele, nós, vós, eles e no meio deles o eu e tu, Humano, e ele, mais-do-que-humanos, e eles, outros-que-não-humanos, e nós, humano-como-húmns. Quem e o que quer que sejamos, precisamos de fazer-com, imaginar-com, dançar-com. Doravante, há que ressignificar a palavra “parente”, pequena formiga que carrega os laos de ancestralidade e genealogia. Há que libertá-la dos elos singulares do nascimento. Há que imaginá-la a abrir-se ao baldio de todos os seres com quem partilhamos ponto de vida e refúgio: Seres Humanos, mais-do-que-humanos, outros-que-não-humanos, desumanos e humano-como-húmns. Fazer com que doravante “parente” se inscreva, como categoria, a par dos gentis, descrevendo aquele que, pelo carácter da sua curiosidade e cuidar, regenera baldios e constrói refúgios onde antes nada pareceria haver, lugares onde imaginamos-com, fazemos-com, dançamos-com.” <sup>5</sup>	
---	--

Willing. Healing.	
Ana, suspensa na soleira da porta, numa concentração fundamental e fecunda, testemunha o brotar da flecha que lhe atravessará os lábios:	
<b>Ela, voltando-se de frente para a arena.</b>	
Achas que deveríamos passar a dizer doravante onde antes dizíamos outrora?	
Assim	

<b>Ela retira microfone e interpelando um dos espetadores.</b>	
Doravante Eu e Tu. Catarina.	

**Doravante, Ela interpelará um a um espectadores, apresentando-se e conhecendo os seus nomes próprios. Uma rede de cumplicidades e relações começará a ser reconhecida, às quais se acrescentam outras presenças possíveis, tais como “Ursa Menor, Gaia, Cassiopeia”.**

<b>Com a teia adensada, Ela leva a mão ao bolso, retira a frase do bolinho da sorte e olhando-a acrescenta a palavra:</b>	
Hoje	

**Deixa cair a frase no epicentro da arena e sai da arena, uma linha invisível atrás de si.**

<sup>[1]</sup> Ecos que nos cavalgam: a ordem dos planetas do sistema solar; pronomes pessoais; mapa de algumas constelações; representações temporais.

<sup>[2]</sup> Ecos que nos cavalgam: Ladaíinha que acompanha o saltar à corda.

<sup>[3]</sup> As frases citadas provêm do interior de bolinhos da sorte

<sup>[4]</sup> Ecos que nos cavalgam: citação de FMI, de José Mário Branco, escrito em 79 e publicado em 82, que nos assaltou várias vezes durante o período de ensaios e nos conduziu a um excerto da ‘Antologia da Música Portuguesa’, de Michel Giacometti (1971), que aqui transcrevemos: ‘O carvalhal era uma extensa zona de serra [Souto da Casa, Fundão, Castelo Branco] partilhada entre a Irmandade do Santíssimo, a Casa Garrett e o povo de Souto da Casa, que numa Quarta-feira de Cinzas, resolvem vitoriosamente, e não sem violência, uma questão com a Casa Garrett. A comemoração anual desta vitória perdeu muitas das suas características primitivas, tal como a habitual pregação do regedor local, que terminava com estas palavras: ‘O céu é de quem o ganha e a terra de quem a amanhã’, No entanto perpetuou-se a peregrinação ao Carvalhal, com a ‘música à frente a tocar de manhã à noite, num ambiente de fraternal alegria, de onde surge de tempo a tempo a pergunta: ‘De quem é o Carvalhal?’ com a resposta coletiva: ‘É nosso!’

<sup>[5]</sup> A voz do vento, expressa neste parágrafo, ecoa e cita HARAWAY, Donna. “Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes”. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. ClimaCom – Vulnerabilidade [Online], Campinas, ano 3, n. 5, 2016. Disponível em: http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/